



A trajetória de Bernardo Monteagudo: relações entre biografia, pensamento político e história

FERNANDA DA SILVA RODRIGUES ROSSI*

Pouco conhecido no Brasil, o tucumano Bernardo de Monteagudo é tido como um dos heróis (de segunda grandeza, é bem verdade) da emancipação das colônias hispano-americanas do sul, por sua participação política e por seu papel como braço direito de San Martín. Mas esta é apenas uma de suas facetas e o interesse pelo estudo deste personagem vai além, abarcando toda a sua trajetória e participação no movimento pela independência, as oscilações de seu pensamento, suas dúvidas e angústias, seu sonho e seu desejo de liberdade. Se, à primeira vista, Bernardo de Monteagudo pode ser facilmente taxado de “grande homem”, um mergulho mais aprofundado em sua biografia traz à tona aspectos fascinantes de sua vida, mostrando que, mesmo atingindo altas posições entre os líderes do movimento – foi também companheiro de Mariano Moreno e Simón Bolívar – este revolucionário tem uma trajetória ímpar:

La biografía intelectual de Bernardo Monteagudo constituye quizás la trayectoria más compleja, y por eso mismo representativa, de las sorprendentes mutaciones ideológicas que el temprano siglo XIX impuso a toda una generación de políticos y pensadores a propósito del desmembramiento del imperio español en América, y las guerras por la independencia de las comunidades americanas luego constituidas en Estados independientes. (MONTROYA, 2001:81)

* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mestre pelo Programa de História Social.

Nascido entre 1785 e 1790² em Tucumán, em uma família de poucas posses, Bernardo Monteagudo só conseguiu ir para a Universidade por indicação de um padre amigo da família. Em Chuquisaca, um dos polos educacionais do Vice-Reino do Rio da Prata, tornou-se advogado e teve contato com textos de autores clássicos e enciclopedistas franceses que influenciaram suas ideias. A essa época, a região se envolveu no primeiro grande movimento pela independência na América do Sul, no qual Monteagudo se afirma como um de seus líderes.³ Por sua participação, o tucumano é preso e condenado à morte. Ansioso por continuar a luta, foge da prisão em novembro de 1810 e o alcança as forças de José Castelli em Potosí, às quais se junta como secretário.

Com a derrota deste exército, Monteagudo se dirige a Buenos Aires, aproxima-se de Mariano Moreno e começa a publicar textos na *Gaceta de Buenos Aires*, periódico “usado para difundir ideias radicais e preparar a população para reformas mais amplas que as empreendidas pela Revolução de Maio” (ROSSI, 2013:41). A cidade portenha, nesse momento, está no centro de uma série de disputas políticas e alternâncias de governos. Em 1812, Monteagudo participa do levante liderado por San Martín que instaura o Segundo Triunvirato e, em 1813, elege-se deputado por Mendoza na Assembleia Geral Constituinte. O tucumano passa a colaborar na difusão do discurso radical de Moreno e San Martín através do jornal *Redactor de la Asamblea del año XIII*, bem como dos periódicos *El Mártir o Libre* (fundado e dirigido por ele mesmo) e *El Grito del Sud*.

O Triunvirato é logo substituído pelo Diretor Supremo, Carlos María de Alvear, apoiado incondicionalmente pelo nosso revolucionário através do *El Independiente*. Com a queda de Alvear, Monteagudo é exilado em 1815, período em que toma contato com as ideias liberais em voga na Europa e com os governos de outros países. Retorna em 1817 para juntar-se ao Exército Libertador de San Martín.

As forças do famoso general seguem para o Chile e têm papel central na tomada de Santiago juntamente com Bernardo O’Higgins. Este assume o governo e a figura de herói na nação incipiente e conta com o tucumano para redigir a *Proclamação de Independência do Chile*, em janeiro de 1818 (ROMERO, [1985]:198). Enquanto o Exército Libertador aguarda

² Há discordâncias entre os estudiosos sobre a data exata de seu nascimento. Ver ROSSI, 2013: 39.

³ Precedido por outros levantes de menor monta em Montevideú, Buenos Aires e Caracas, o movimento de Chuquisaca, em maio de 1809, foi o primeiro a se prolongar e se estender para outras cidades. O estopim de tais revoltas foi a invasão de Napoleão à Espanha e a consequente deposição de Fernando VII.

o momento propício para seguir em direção ao Peru, Monteagudo funda o jornal *El Censor de la Revolución*, no qual começa a rever suas posições mais radicais.

A entrada em Lima se efetiva pacificamente em julho de 1821, com a retirada espontânea das tropas espanholas que ainda permaneciam na cidade. A independência peruana é declarada e San Martín assume o governo provisório com o título de Protetor, tendo a seu lado, como Ministro de Guerra e Marinha, Bernardo Monteagudo. Assumindo papel de destaque no novo governo, Monteagudo logo é tido como responsável pelas medidas impopulares de San Martín. Torna-se Ministro de Governo e Relações Exteriores e substitui o Protetor no governo quando este sai para encontrar Bolívar em Guayaquil. Nesse momento, o governo revolucionário sofre um golpe e é destituído. Extremamente decepcionado com os rumos da emancipação, Monteagudo faz um balanço sobre os problemas enfrentados na administração peruana, no qual é possível perceber não só a transformação de suas ideias políticas, como a amargura por ver que seu sonho não havia se realizado. Por fim, retira-se de Lima e segue para o exílio em Quito.

Mesmo afastado das lutas, Monteagudo não perde o interesse pela causa e, algum tempo depois, aproxima-se de Bolívar, de quem recebe a tarefa de preparar o Congresso no Panamá, cujo objetivo é finalmente concretizar a ambição da unidade americana. Retoma ideias republicanas e federalistas como plano para proteger os novos Estados de uma possível investida da Santa Aliança. Como parte de suas funções, retorna a Lima em 1825, cidade onde ainda mantém inimigos, e é assassinado.

Ao longo de tantas idas e vindas, as ideias de Monteagudo sobre o movimento emancipacionista e os governos que dele adviriam modificaram-se substancialmente, a ponto dessa oscilação ser a principal característica de seu pensamento mencionada pelos autores que o estudam. Ele próprio, em um de seus textos mais conhecidos – *Memoria: sobre los principios políticos que seguí en la administración del Perú y acontecimientos posteriores a mi separación*, 1823 – assumi a mudança de postura, acreditando que a defesa que fizera anteriormente da democracia foi “un error” (MONTEAGUDO, *Memoria*, 1823:114). Admite ter restringido, em sua administração no Peru, “las ideas democráticas”, mesmo sabendo que isso poderia prejudicá-lo politicamente: “bien sabía que para traerme el aura popular, no necesitaba más que fomentarlas; pero quise hacer el peligroso experimento de sufocar en su

origen la causa, que en otras partes nos había producido tantos males” por conta de “la moral del pueblo, el estado de su civilización, la proporción en que está distribuida la masa de su riqueza, y las mutuas relaciones que existen entre las varias clases que forman aquella sociedad [peruana]” (MONTEAGUDO, *Memoria*, 1823:120). Seguindo o texto, Monteagudo explicará detalhadamente a natureza de cada um desses elementos, porém, o interesse aqui, é ressaltar a sua posição *absolutamente* contrária à democracia, que difere da que expõe em 1812, no discurso de abertura da Sociedade Patriótica de Buenos Aires:

*Yo tengo la complacencia de esperar que la sociedad patriótica contraerá todos sus esfuerzos a este objeto, considerándolo como una de sus primordiales obligaciones: ella debe por media de sus memorias y sesiones literarias grabar en el corazón de todos esta sublime verdad que anunció la filosofía desde el trono de la razón; la soberanía reside sólo en el pueblo y la autoridad en las leyes: ella debe sostener que la voluntad general es la única fuente de donde emana la sanción de ésa y el poder de los magistrados: debe demostrar que la majestad del pueblo es imprescindible, inalienable y esencial por su naturaleza (MONTEAGUDO, *Oración Inaugural*, 1812: 235)*

Alguns autores acreditam que essa marcante alteração na maneira de pensar de Monteagudo se desenvolveu de maneira gradual e linear: no início de sua trajetória política, o revolucionário era radical defensor do regime democrático, mas, ao longo de suas vivências dentro do movimento, passa a se filiar a um pensamento mais ponderado, ligado à ideia de um governo forte, autoritário e até mesmo monárquico. É essa a posição de Maria Ligia Coelho Prado em seu artigo “Esperança radical e desencanto conservador na Independência da América Espanhola” (PRADO, 2003). Entretanto, há os que veem na trajetória de seu pensamento oscilações bem mais drásticas e intermitentes. Fabián Herrero, por exemplo, considera que inicialmente o republicanismo de Bernardo de Monteagudo “parece haber respondido a la ruptura con la corona española”, porém, “Poco tiempo después, como lo hicieron otros integrantes de la elite porteña, se suma a los que impulsan una monarquía constitucional”, principalmente por receio da interferência da Santa Aliança. Entre os anos 1820 e 1823, novamente o revolucionário assumiria uma postura republicana, todavia retomando o monarquismo após a deposição do governo de San Martín em Lima. Por fim, em um de seus últimos escritos – *Ensayo sobre la necesidad de una federación general entre los Estados Hispano-americanos y plan de su organización*, 1824 – voltaria a ser partidário do republicanismo, defendendo o confederacionismo. (HERRERO, 2005:16-17)

Para além das interpretações, o que chama a atenção é a profunda ligação entre as vivências do revolucionário e suas mudanças de postura. Gustavo Montoya, em artigo dedicado à recuperação das origens do Estado peruano, se propõe a “reflexionar sobre la biografía intelectual de Bernardo Monteagudo, los matices de su pensamiento político y los sorprendentes giros de su reflexión ideológica” (MONTROYA, 2001: 84), que resulta em uma espécie de divisão de sua trajetória em períodos. O primeiro, denominado “El frenético republicano”, vai de seu nascimento até seu exílio em 1815, passando por sua formação universitária, sua participação no levante de Chuquisaca e nas forças de José Castelli, os debates ideológicos trazidos pelos jornais *Mártir o Libre* e *Gaceta de Buenos Aires*, a Assembleia do ano XIII e o apoio ao governo de Alvear. Segundo Montoya, “estamos frente a un político moderno, ilustrado, republicano, demócrata, revolucionario... Y por si fuera poco, jacobino” (MONTROYA, 2001: 92). A segunda fase seria “El censor de la revolución”, nome que coincide com o do periódico fundado por Monteagudo em sua passagem pelo Chile, no qual pode ser percebida a mudança de ideias. Para Montoya, “Su estadía [de Monteagudo] en el mundo occidental [por conta do exílio] será luego determinante para el cambio de su pensamiento político y su posterior actuación como estadista” (MONTROYA, 2001: 92). E acrescenta:

Convencido de que los pueblos de América no estaban en condiciones de instalar repúblicas con amplias libertades políticas y civiles, llama la atención sobre la necesidad de organizarlas teniendo en cuenta la particularidad histórica en que habían devenido las ex colonias españolas, y teniendo en cuenta el actual panorama político internacional. (MONTROYA, 2001: 93-94).

Por fim, o terceiro período se inicia com a chegada de Monteagudo ao Peru, quando este

era un hombre que traía consigo más de doce años de actuación política en los diferentes escenarios de las revoluciones en América y testigo presencial de importantes acontecimientos políticos y sociales en Europa. Hombre de la vanguardia política e intelectual de su tiempo, no tuvo reparos para retificar sus juicis en beneficio de la gran causa americana, a la que llamava su patria, muy por encima de los nacientes “nacionalismos” (MONTROYA, 2001: 99-100).

É neste momento que, para Montoya, o tucumano rejeita totalmente a democracia, sem considerar as mudanças de 1824 mencionadas por Fabián Herrero.

Embora o texto de Gustavo Montoya mereça algumas críticas – à própria divisão fechada em períodos, por exemplo –, a relação que explicita entre acontecimentos marcantes da biografia e alterações radicais no pensamento de Monteagudo é de fundamental importância para a discussão em tela. Quando se lê a obra do revolucionário, as alternâncias de posturas e as modificações drásticas de ideias em diferentes momentos pareceriam sem sentido, sem uma explicação lógica: é conhecendo a trajetória do autor que o pensamento torna-se mais significativo, tem bases claras e explicativas dos mecanismos que o levaram a tais mudanças, a idas e vindas, a percepções. Enfim, nas palavras de Montoya, “se trata precisamente de situar su pensamiento en los diferentes escenarios geográficos y cronológicos en el que actuó. Esta es la razón de la singularidad de su pensamiento, el hecho de haber trajinado por los diferentes espacios políticos y militares de la ola revolucionaria que envolvía a Hispanoamérica.” (MONTROYA, 2001: 92).

Entretanto, uma questão ainda fica sem solução: o motivo pelo qual, apesar de tantos reveses, Bernardo Monteagudo se mantém ligado à causa da emancipação, à luta pela libertação de sua pátria. O que levaria um homem tão centrado na razão a seguir em frente depois de dar-se conta de “seus erros”, do fracasso de seus projetos políticos e, principalmente, após a grande decepção de ser derrubado do governo? O caminho para as respostas está também no estudo simultâneo de sua biografia e seu pensamento.

Desde o início, os textos de Monteagudo são marcados pela passionalidade, por expressões de seus sentimentos. Em maio de 1812, no auge de seu radicalismo democrático, expõe o que deveria ser a postura dos americanos:

Y si nos creemos dignos del nombre americano, vamos, vamos cuanto antes a exterminar a los mandatarios de Montevideo, a confundir al protervo Goyeneche, y salvar a nuestros hermanos del imperio de la tiranía: funcionarios públicos, guerreros de la patria, legiones cívicas, ciudadanos de todas clases, pueblo americano, jurad por la memoria de este día, por la sangre de nuestros mártires y por las tumbas de nuestros antepasados, no tener jamás sobre los labios otra expresión que la independencia o el sepulcro, la LIBERTAD o la muerte.
(MONTEAGUDO, *Apendice*, 1812:41)

Anos mais tarde, em 1823, sua mágoa fica patente:

Antes de llegar al término que me he propuesto haré por decoro una observación sobre los libelos que se han publicado contra mí. La mayor parte de ellos son una amarga sátira contra sus autores y contra Lima: yo no los impugno, porque la pobreza de sus ideas, la impetuosidad de sus pasiones y la inexactitud de su lógica me excusan de este trabajo. Antes de escribir es preciso aprender a pensar; y el odio es un maestro muy estúpido para dar lecciones a los que necesitan de ellas. Sin embargo de esto, creo que habrán merecido el aplauso de algunos, porque NO HAY NECIO QUE NO ENCUENTRE OTRO MÁS NECIO QUE LO ADMIRE.
(MONTEAGUDO, *Memoria*, 1823:146)

Em ambos os trechos, encontram-se referências tanto às emoções como forma de incitar a participação popular, quanto à demonstração dos sentimentos do próprio autor – nos dois casos, de maneira apaixonada. No primeiro, percebe-se a excitação do autor, bastante animado com a luta pela liberdade, que se relaciona com o início de sua participação no movimento emancipatório. Já a desilusão do segundo, tem a ver com a decepção sofrida após a destituição do governo revolucionário de Lima. Tal compreensão só pode vir a partir da ligação entre pensamento intelectual e biografia.

Curiosamente, Monteagudo tem muito receio do poder das paixões e alerta seus leitores sobre os perigos em que podem resultar:

... las pasiones determinan en el orden moral la existencia, el equilibrio, o la ruina de los estados. Su combinación reciproca sostiene al monarca sobre su trono, eleva a los cónsules a las sillas curules, apoya el cetro en las manos de un déspota y envuelve a todos a su vez en los horrores de una procelosa anarquía. [...] Sé que las pasiones producen grandes virtudes, y que éstas se forman fácilmente, cuando aquéllos se dirigen con prudencia. Al gobierno toca mover este resorte, estimulando el amor a la gloria, la noble ambición y ese virtuoso orgullo que ha producido tantos héroes [...] La templanza que es la virtud contraria a este vicio, es tanto más recomendable, cuanto ella es la base de la libertad y el cimiento de las repúblicas. Ningún pueblo fue libre sin ser moderado, y las leyes agrarias, suntuarias syssiziacas y funerales, sabemos que fueron las más firmes columnas de la independencia ática, y de la majestad del pueblo romano. Ellas aseguraban los fondos de un propietario, sin darle esperanza de poseer más de lo preciso
(MONTEAGUDO, *Pasiones*, 1812: 45-48)

Todavía, ao reconhecer a possível relação entre as “pasiones” e as “grandes virtudes”, o tucumano abre espaço para a valorização dos sentimentos ligados ao patriotismo, à abnegação de si em prol da causa da liberdade: “ojalá cada ciudadano después de consultar

sus primeras necesidades, consagrara todo el superfluo a las urgencias del estado, en vez de fomentar un lujo destructivo y favorable a los intereses de nuestros rivales” (MONTEAGUDO, *Pasiones*, 1812: 49), considerando que “el amor a la patria es un sentimiento natural” (MONTEAGUDO, *Patriotismo*, 1811:34).

E é possivelmente esse amor à pátria, tão caro ao autor, que explica sua devoção à causa da emancipação, sua participação intensa nas lutas pela liberdade. Aparentemente, não há argumentação racional que dê conta, sozinha, de justificar as idas e vindas na trajetória deste revolucionário: a fuga da prisão para juntar-se às forças de José Castelli; o grande envolvimento político – de caráter pedagógico, inclusive – em Buenos Aires; a volta do exílio com a insistente retomada da luta ao lado de San Martín; e a recuperação da esperança e das forças para unir-se a Bolívar, após o golpe que derrubou o governo de Lima. Isso torna o estudo da biografia do autor em conjunto com seu pensamento ainda mais necessário, pois, do contrário, tais questões passariam à margem do debate.

Desse modo, pode-se afirmar que o estudo da biografia de Bernardo Monteagudo é fundamental para a compreensão de seu pensamento, trazendo ao mesmo tempo elementos que possibilitam conhecer sua trajetória individual e também aspectos partilhados com a sociedade hispano-americana da época. Sua análise permite a abordagem de algumas das características do processo histórico da emancipação hispano-americana, como a circulação de ideias entre a Europa e a América e internamente às colônias, as oscilações políticas do movimento e dos governos revolucionários, “a ausência de limites geopolíticos separando toda essa vasta região [das colônias hispano-americanas do sul, qu]e mostrava como o movimento pela independência não cabia nas fronteiras que posteriormente se construíram” (PRADO, 2003: 18-19), e a importância da imprensa para a divulgação das ideias do movimento.

Vale ressaltar que, diferentemente de figuras como Bolívar, Monteagudo vem de uma família sem muitas posses e, ainda assim, atinge altas posições na liderança do movimento emancipacionista. Portanto, sua trajetória contribui para o entendimento da pluralidade de personagens e caminhos presentes nesse momento da história americana, já que ele não se identifica com as duas figuras tradicionais do conflito: o filho da elite criolla, que assume a liderança e guia os interesses do movimento, e o excluído, muitas vezes mestiço ou indígena, manipulado pelo primeiro.

E, por fim, sugere outra linha de pesquisa, não muito usual na história: a que estuda as relações entre a política e as emoções, presentes tanto no contexto de massas, quanto nas expressões individuais. Esta parece ser uma discussão de grande relevância no âmbito das independências – e daí o interesse em partir nessa direção em uma pesquisa de doutorado – e também para a História dos Intelectuais como um todo, na medida em que esta lida constantemente com o indivíduo e suas múltiplas esferas.

Documentação

MONTEAGUDO, Bernardo de. Apéndice a todas las observaciones de este periódico (1812).

In: _____. *Escritos políticos*. Organização e estudo preliminar de Felipe Pigna. Buenos Aires: Emecé, 2009, pp. 39-41 (Biblioteca Emecé Bicentenário).

_____. Memoria: sobre los principios políticos que seguí en la administración del Perú y acontecimientos posteriores a mi separación (1823). In: _____. *Escritos políticos*. Organização e estudo preliminar de Felipe Pigna. Buenos Aires: Emecé, 2009, pp. 111-149 (Biblioteca Emecé Bicentenário).

_____. Oración Inaugural: pronunciada en la apertura de la Sociedad Patriótica la tarde del 13 de enero de 1812. In: _____. *Escritos políticos*. Organização e estudo preliminar de Felipe Pigna. Buenos Aires: Emecé, 2009, pp. 227-244 (Biblioteca Emecé Bicentenário).

_____. Pasiones (1812). *Patriotas*. Buenos Aires: Del nuevo extremo, 2009. (Biblioteca Nacional de Identidad, 1).

_____. Patriotismo (1811). In: _____. *Escritos políticos*. Organização e estudo preliminar de Felipe Pigna. Buenos Aires: Emecé, 2009, pp. 34-38 (Biblioteca Emecé Bicentenário).

Bibliografia

DOSSIER encuesta sobre historia intelectual. *Prismas*: revista de história intelectual. Buenos Aires, ano 11, n. 11, p. 149-218, 2007.

HERRERO, Fabián. *Monteagudo*: revolución, independencia, confederacionismo. Buenos Aires: Cooperativas, 2005. (Politeia de Ciencias Sociales).

HOBBSBAWN, E. *Nações e nacionalismo desde 1780*. 4. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LORIGA, S. *O pequeno x*: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editores, 2011. (Coleção história e historiografia)

- MONTEAGUDO, Bernardo de. *Escritos políticos*. Organização e estudo preliminar de Felipe Pigna. Buenos Aires: Emecé, 2009 (Biblioteca Emecé Bicentenário).
- MONTEAGUDO, Bernardo de. *Patriotas*. Buenos Aires: Del nuevo extremo, 2009. (Biblioteca Nacional de Identidad, 1).
- MONTOYA, G. Pensamiento político de Bernardo Monteagudo: entre el autoritarismo y la democracia. *Investigaciones sociales*. Ano V, n. 8, pp. 81-111, UNMSM/IIHS, Lima-Peru, 2001.
- PRADO, Maria Ligia C. Esperança radical e desencanto conservador na Independência da América Espanhola. *História*, Assis, v. 22, n. 2, p. 15-34, 2003.
- REMOND, René (dir.). *Por uma história política*. 2. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 231-270.
- ROMERO, José Luis (org.). *Pensamiento político de la emancipación (1790-1825)*. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho. 2 t. [1985] Versão disponível em: <www.bibliotecayacucho.gob.ve>. Acesso em: 25 out. 2007. (Colección Clasica, 23 e 24).
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.
- ROSSI, F. S. R. *Planejando Estados, construindo nações: os projetos políticos de Francisco de Miranda, Bernardo Monteagudo e José Bonifácio*. 149p. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- SEIXAS, Jacy A.; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (org.) *Razão e paixão na política*. Brasília: Ed. UnB, 2002.
- SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Por uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.